

Nesse sentido, através de Bataille, passamos a ter que notar um interior retorcido, falhado, abismado, deslocado, ex-posto em relação a um si mesmo. Nesse limiar, Bataille vem inserir a experiência, tal como fizeram, cada qual singularmente, Benjamin, Freud e posteriormente Lacan, numa linhagem da perda; e de perda da própria experiência.

Situando por um momento a experiência precisamente nesse ponto de indeterminação entre o singular e o universal, entre o sensível e o inteligível, entre o prático e o teórico, entre a escrita e a imagem, entre a técnica e o acaso, entre o visível e o invisível, entre a riqueza e a pobreza, entre o ser e o evento, entre o que emerge e o que desaparece, talvez seja possível traçar uma reflexão sobre o campo das manifestações artísticas e culturais contemporâneas, principalmente nas artes visuais, explorando noções como, por exemplo, presença e presentificação (Micheal Fried – “presentation is grace”), deslocamento (Duchamp), retorno ao Real (Hal Foster) e transfiguração do lugar-comum (Danto).

Por outro lado, a linha divisória à que remete A Experiência interior não aponta apenas para as cisões e os deslocamentos em torno da noção de sujeito. Ela aponta ainda, para um outro lado, mais próximo de nós, se o pensamos em termos de acontecimento histórico, mas ainda assim incipiente e distante, aparecendo como semblante sem rosto, como campo de possibilidades de um devir pós-humano, que finca a experiência não mais como mastro ou marco de um sujeito, mas ao contrário, como deriva, experimentação, espécie de sonambulismo ou presença a-subjetiva. Por experiências, nessa via, seria melhor (agora) dizer experimentações des-subjetivantes, que não acontecem mais tendo como matriz um sujeito dividido, mas como que sobre limiares a-subjetivos, espaços inabitáveis ou heterotópicos; espaços não mais espaciais.

Renato Rezende

Essas Orelhas tentam, de forma colaborativa, refletir poeticamente sobre nosso tempo e nossas urgências. Convidamos vários artistas/teóricos para escrever as edições deste projeto, dando suas colaborações na problematização das questões contemporâneas. Mas, sendo antes de tudo um projeto artístico, urge deixarmos um espaço poético a ser preenchido pelas perspectivas, anseios e histórias de todos que venham a se debater com as Orelhas, com seu vazio, seu respiro e ausência. Uma leitura e uma experiência estética sem a pretensão de encerrar questões, mas, ao contrário, propiciar deslocamentos, vencendo inércias de forma lúdica.

A ideia de um projeto colaborativo visa um rebaixamento da autoria, além de ganhar um caráter mais universal por atingir diferentes mentes e visões sobre as questões do hoje. Respeitando as necessidades e a velocidade de nossa era, este livro promete não ser uma perda de tempo. Apreciem, não sejam breves.

Marco Antonio Portela  
artista propositor do projeto Orelhas Contemporâneas



01 coleção orelhas contemporâneas



renato rezende



# artexperiência contemporânea

renato rezende

coleção orelhas contemporâneas  
marco antonio portela



ARTEXPERIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

O que dizemos quando dizemos experiência? Qual sujeito seria o sujeito da experiência (distinguida aqui, para todos os propósitos, da experimentação científica e, portanto, controlada)? E que tipo de relação esse conceito teria com a produção de arte Ocidental no mundo contemporâneo?

De acordo com Alain Badiou, o sujeito moderno (o sujeito dividido, ou, como quer Lacan, o sujeito barrado) foi fundado por São Paulo ao instaurar um terceiro discurso (nem o grego – filosófico, nem o judaico – profético), fundamentado não no conhecimento ou na fé, mas na experiência. Segundo Badiou, o discurso fundado por Paulo – gerado por um sujeito subordinado à dimensão aleatória do acontecimento e à pura contingência do ser-múltiplo – tem sua origem na experiência da graça. Desta forma, Badiou coloca a experiência de Paulo a caminho de Damasco – a descida do Espírito Santo – como a experiência central e fundadora da civilização cristã. Referenciando-se na fundamentação originária de tal sujeito, Georges Bataille, decidido a não fazer concessão a nenhum saber pré-determinado, a nenhum pressuposto ou dogma, seja ele científico, estético, teológico ou de qualquer outra ordem, bem como a nenhuma interpretação a posteriori, que dariam “limites indevidos à experiência”, entende experiência de uma forma igualmente radical, como uma “viagem ao término do possível do homem”.

Tal viagem, desde sempre perigosa, é o fruto da singular necessidade de colocar tudo em jogo, tudo em questão, de deixar-se em aberto, lançado no abismo da existência, sem pontos de referência ou apoio. Para Bataille, aconselhado por Blanchot, é a própria experiência que deve se legitimar. Isso reabre, por um lado, toda uma possibilidade de se pensar a experiência a partir da cisão irremediável pela qual o sujeito moderno se viu passar; e note-se o quanto esse sujeito moderno pode ser relido através da mística – ali mesmo onde um descentramento radical se operava na espiritualidade através da experiência carnal do êxtase.